

CHARLES DE GAULLE: A GUERRA DA LAGOSTA E A DIPLOMACIA NAVAL

GUILHERME MATTOS DE ABREU*
Contra-Almirante (RM1)

A Guerra da Lagosta é uma crise razoavelmente conhecida de nossa história, que, ainda assim, mereceria um estudo integral, uma vez que as diversas abordagens encontradas são setoriais. Com isso, não se consegue apreender e harmonizar, em justa medida, todos os aspectos do tema. Destaca-se que foi um confronto que envolveu um assunto ambiental, possivelmente o primeiro com essa característica em que o Brasil se envolveu.

A crise foi um problema potencialmente grave. O seu desencadeamento pode ser atribuído ao próprio presidente da República do Brasil, que a precipitou, ao autorizar a atividade de barcos franceses “em caráter excepcional”, em desacordo com as tratativas em andamento no âmbito ministerial, e em poucos dias voltar atrás, provocando indignação do governante francês¹.

Poderia evoluir para um confronto militar, uma vez que unidades da Marinha

* O autor ingressou no Colégio Naval em 1969. Foi declarado guarda-marinha em 1974 e promovido a contra-almirante em 2004. Exerceu os comandos do Navio-Patrolha *Pirajá*, da Corveta *Bahiana*, do Colégio Naval, do Primeiro Esquadrão de Corvetas e, como almirante, da 2ª Divisão da Esquadra. Também foi subchefe de Operações do Comando de Operações Navais, assistente do Comando da Escola Superior de Guerra (ESG) e diretor do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (Caepe) daquela Escola. Deixou o Serviço Ativo em abril de 2008.

1 Indica a literatura que o Presidente João Goulart aparenta não ter percebido a sensibilidade com que se deve evoluir no âmbito das relações internacionais. O tema “captura de lagosta pelos franceses na plataforma continental brasileira”, no âmbito ministerial, estava em discussão com autoridades daquele país. Entretanto, em audiência com o embaixador francês, o presidente autorizou a operação de barcos franceses por um período limitado (em 8 de fevereiro de 1963); em poucos dias, em função das reações dos setores nacionais envolvidos, o Governo brasileiro voltou atrás (18 de fevereiro) – o que provocaria irritação do Presidente Charles de Gaulle. Além disso, com o assunto efervescente, João Goulart delegou a presidência da reunião

francesa estavam relativamente próximas, realizando exercícios de adestramento de rotina nas costas do Senegal. Tanto que a escalada da crise ocorreu em decorrência de o Presidente Charles de Gaulle decidir enviar um dos navios de guerra que participava do adestramento (o Contratorpedeiro *Tartu*) para proteger os barcos de pesca franceses. Daí a reação brasileira de mandar navios da Esquadra e unidades da Força Aérea Brasileira (FAB) do Rio de Janeiro para o Nordeste, ato que seria acompanhado por uma mídia alvoroçada. Por fim, a crise seria solucionada, com a saída dos barcos franceses das proximidades de nosso litoral.

Em síntese, quase se chegou ao enfrentamento bélico, não só para preservar um recurso econômico da plataforma continental, mas também para proteger o seu *habitat*, que os franceses já teriam impactado em outras áreas, devido às técnicas de captura que empregavam.

A atitude do Presidente Charles de Gaulle mereceria críticas na França, visto que o país possuía investimentos aplicados no Brasil, em escala muito mais relevante daquela que poderia ser alcançada com atividade lagosteira em nossas costas. O *ex-premier* Paul Reynald, em meio aos seus comentários a respeito da política externa executada por Charles de Gaulle, assinalou que vários ministros e outras autoridades tentaram chamar a atenção do Presidente para a progressiva deterioração da situação. “Em vão. De Gaulle considerou que a

majestade da França havia sido ultrajada.” (REYNALD, 1964. p. 120)

Como se vê, o presidente francês levava a sério o incidente. Isto fica evidente por suas atitudes à época e pelo desdobramento da crise, que foi a sua visita ao Brasil em 1964, tema deste artigo. Evento que, assim como a Guerra da Lagosta, insere em seu contexto o emprego da Diplomacia Naval.

No período de 20 de setembro a 16 de outubro de 1964, o General De Gaulle realizou um périplo por dez países da América do Sul², por ar e por mar. Foi um evento desgastante para ele, então com 73 anos (além de recém-operado) – a mais longa viagem que realizou no período em que esteve à frente do governo da França. A viagem constituiu uma das muitas iniciativas do Presidente na condução de uma política que mirava o engrandecimento da França e que passou a ser conhecida como “política de grandeza” (*politique de grandeur*)³. A aproximação com a América Latina iniciou-se com uma visita ao México, em março. Em seguida, os seus interesses voltaram-se para a América do Sul. Ao longo da visita ao continente, em seus curtos discursos, o General De Gaulle invocaria com sucesso a atração da cultura europeia – francesa em particular – nos países sul-americanos, o que parecia mais evidente no Uruguai, na Argentina e no Brasil. Buscou oferecer aos sul-americanos novas opções para ajuda técnica e financeira, ainda que em menor escala do que a proporcionada pelos Estados Unidos.

do Conselho de Segurança Nacional, realizada na noite de sexta-feira, 22 de fevereiro (véspera de carnaval), ao Chanceler Hermes Lima; e foi passar o carnaval com a família em São Borja. Os primeiros navios da Esquadra suspenderiam para o Nordeste na madrugada de 24, domingo. O deslocamento de aeronaves da FAB começou na manhã desse mesmo dia. (BRAGA, 2004, página 67 a 70 e 82; DABUL, 1994)

Carlos Alves de Souza, embaixador do Brasil na França à época, relatou em suas memórias que “Jango considerava o assunto sem importância”. (SOUZA, 1979, página 315)

2 Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil.

3 A política conduzida pelo Presidente De Gaulle na época ficou conhecida como *politique de grandeur* (“política de grandeza”), que tinha como objetivos: reformar e desenvolver a economia do país, promover uma política externa independente e alcançar uma posição de destaque no cenário internacional.

Os deslocamentos do presidente foram realizados em um *Caravelle* – aeronave símbolo do soerguimento da indústria aeronáutica francesa⁴ –, e a bordo do Cruzador *Colbert*. O cruzador encontrou a comitiva presidencial nas escalas em Peru, Chile e Uruguai. A bordo do navio, legalmente “território francês”, o General De Gaulle assinava decretos, que eram publicados no *Diário Oficial* com a inscrição: “Confecionado a bordo do *Colbert*”, seguida de sua assinatura. Em Montevidéu, o presidente embarcou no cruzador, seguindo, em uma travessia de três dias, para o Rio de Janeiro, aspecto que constitui um diferencial nesse périplo, ainda que tenha havido um breve embarque por ocasião da visita ao Chile⁵.

Esta mudança de proceder – uma demonstração de força, em função do meio empregado, evidentemente vinculada à crise (Guerra da Lagosta – 1963) – aparenta ter sido temperada pela irritação do presidente francês em face de outros contenciosos e das matérias veiculadas pela mídia antes da viagem (particularmente a agressiva entrevista de Carlos Lacerda, no Aeroporto de Orly, em 24 de abril⁶). O Cruzador *Colbert* era um dos navios mais modernos e poderosos da Marinha Nacional francesa. A sua presença era uma amostra do desenvolvimento e da capacidade de projeção do Poder Militar, bem como, simbolicamente, do poder da Nação francesa, aspecto que insere a visita no contexto da Diplomacia Naval.⁷



Cruzador Colbert

4 A preocupação em se utilizar um meio aéreo de fabricação francesa esteve presente no planejamento desta e de outras viagens presidenciais. Na viagem anterior ao México (março de 1964), em função da autonomia da aeronave presidencial, de Gaulle atravessou o Atlântico a bordo de um Boeing 707, mas trocou de avião em uma escala, de modo a chegar à cidade do México a bordo do *Caravelle*, “sob os olhos das câmeras e de jornalista de todo o mundo”. (*La Caravelle présidentielle*)

5 O Presidente De Gaulle, após visitar a Bolívia, deslocou-se para Arica (Chile), onde embarcou no Cruzador *Colbert* (29 de setembro), seguindo para Valparaíso, onde foi recebido pelo Presidente do Chile, em 1º de outubro.

6 O Governador Carlos Lacerda foi à Europa em abril de 1964, em missão oficial, a fim de explicar a Revolução de 31 de março. Foi muito agressivo em entrevista à imprensa, na escala no Aeroporto de Orly, Paris (24 de abril), ofendendo os franceses e o seu presidente, bem como minimizando a importância da futura visita do Presidente De Gaulle ao Brasil (a qual se limitaria a discursos e banquetes, disse). Note-se que a agressividade de Lacerda foi uma reação à hostilidade com que foi recebido pelos jornalistas franceses, mas também significou iniciar “a missão com o pé esquerdo”.

Uma escala posterior na França constou desse périplo pela Europa, mas Lacerda não foi recebido por De Gaulle e foi ignorado pelo mundo oficial francês. Na visita ao Brasil, embora tivesse como porto de chegada o Rio de Janeiro, De Gaulle procurou restringir a presença de Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara, nos eventos a que compareceria, pois desejava ter o mínimo contato possível com aquele político. Lacerda ignoraria a presença do Presidente francês no Rio de Janeiro, não comparecendo ao seu desembarque no Cais da Bandeira. (Viana Filho, 1975. p. 105)

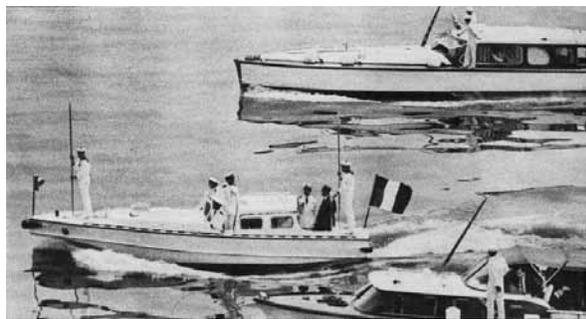
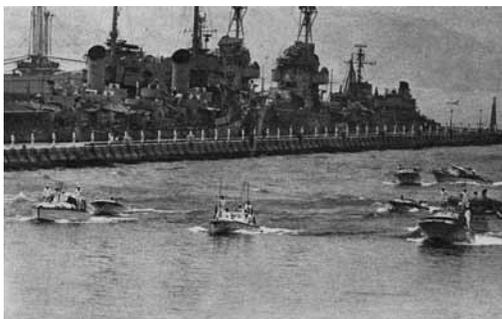
7 O *Colbert* também transportaria o Presidente De Gaulle em sua visita ao Canadá (1967), ocasião em que aquele chefe de Estado provocou um incidente diplomático, ao bradar em um discurso, para surpresa dos canadenses (24 de julho de 1967): “*Vive le Québec libre! Vive la Canada français! Et vive la France!*”

O presidente do Brasil, à época, era o Marechal Castelo Branco. Um homem culto e preparado, que nunca se entregava de improviso aos assuntos governamentais. Assim, orientou o Itamaraty quanto às implicações da viagem do chefe de Estado francês, que não teria “apenas o significado de restabelecimento total de antigas e históricas relações, nem de passear, num outro continente, a sua glória”, bem como estudou a coleção de documentos que lhes foram remetidos pelo Ministério das Relações Exteriores e dos organizados pela Embaixada da França. Além disso, interferiu pessoalmente nos detalhes da programação (Viana Filho, 1975, p. 173).

De Gaulle, ao contrário, não parece que fora bem orientado sobre Castelo, “a quem possivelmente imaginava um presidente como muitos outros que conhecera”. (*ibidem*)

O presidente francês desembarcou no Cais da Bandeira, fronteiro ao Edifício do Ministério da Marinha, no Rio de Janeiro, sendo recebido por Castelo Branco, em 13 de outubro; dali, seguiu pela Avenida Rio Branco, sob aplausos da população, até o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial. Após a cerimônia de aposição floral, os presidentes deslocaram-se para o Aeroporto Santos Dumont, de onde uma aeronave da FAB os transportou até Brasília. Seguiu-se a viagem do presidente francês a São Paulo e o retorno ao Rio de Janeiro, onde foi oferecida uma recepção em retribuição ao Marechal Castelo Branco, a bordo do *Colbert*, atracado no pier da Praça Mauá, em 15 de outubro. De Gaulle embarcou no *Caravelle présidentielle* no dia seguinte, retornando à França.

Os eventos por ocasião da chegada e as conversas travadas no voo e em Brasília apa-



Flagrantes da chegada do Presidente De Gaulle ao Rio de Janeiro
(Arquivo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha)





Embarque em automóvel para desfile na Avenida Rio Branco



rentam ter mudado a percepção do dignitário francês quanto ao Brasil e seu presidente. A bordo da aeronave da FAB travou-se um diálogo que, provavelmente, serviu como um divisor de águas no relacionamento entre os dois presidentes. “Disse De Gaulle, com agressividade quase impertinente: ‘Sempre me preocupa saber o que é um ditador sul-americano e por que a história os registra tão numerosos’. ‘Senhor presidente – respondeu Castelo Branco –, um ditador sul-americano é um homem, não necessariamente um militar como nós dois, que acha extremamente agradável agarrar o poder e extremamente desagradável deixá-lo. Eu deixarei o poder em 15 de março de 1967. E o senhor, que planos tem?’” O último ato seria a recepção a bordo do *Colbert*, em 15 de outubro, onde era visível a cordialidade entre os dois chefes de Estado, o que contrastava com o tom cerimonioso do primeiro encontro. (idem, p. 176, 178)

Mais tarde, já na França, De Gaulle diria a interlocutores que não o haviam prepara-

do para o Marechal Castelo Branco e que este muito o impressionara, como estadista e por sua cultura. (idem, p. 173) Ambos parecem ter se relacionado bem!

É interessante observar como este marco da diplomacia de ambos os países, em sequência a uma crise relevante, pôde contar com um meio naval, como símbolo de poder, como cenário ou como apoio à diplomacia presidencial

O Almirante René Besnault, na época ajudante de ordens do presidente francês, apontou que este périplo pareceu-lhe um marco espetacular em um projeto que não começou nem cessou com o General De Gaulle, mas se estendeu bem além. O objetivo francês era o de criar, ampliar ou reforçar a cooperação econômica, científica e política com os países

em vias de desenvolvimento e o de assumir um papel crescente no mundo. A América Latina ocupava, a este respeito, um lugar essencial aos olhos do dignitário francês, e a iniciativa de aproximação protagonizada por De Gaulle continuaria a dar frutos desde então. (BESNAULT, 1998)

É interessante observar como este marco da diplomacia de ambos os países, em sequência a uma crise relevante, pôde

contar com um meio naval, como símbolo de poder, como cenário ou como apoio à diplomacia presidencial.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<VIAGENS>; Visita de presidente; Visita ao Rio de Janeiro; Gaulle, Charles de; Diplomacia; Guerra da Lagosta;

REFERÊNCIAS

- BESNAULT, R. (Amiral René Besnault). Périple de l'Amérique du Sud d'un « Edecan », Espoir nº 114, 1998. <http://www.charles-de-gaulle.org/pages/l-homme/dossiers-thematiques/de-gaulle-et-le-monde/de-gaulle-et-l-amerique-latine/temoignages/rene-besnault-periple-de-lrsquoamerique-du-sud-drsquoun-edecan.php>
- BRAGA, C. *A Guerra da Lagosta*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2004.
- DABUL, A. “Guerra da Lagosta: A busca a verdade histórica”. *Revista do Clube Naval*, nº 294, 1994. Rio de Janeiro: Clube Naval, 1994.
- DULLES, J. Carlos Lacerda, Brazilian Crusader: The years 1960-1977. (Volume II) – Texas University Press, 1996. p. 246 – 251. Disponível: http://books.google.com.br/books?id=4XZMgf42RmcC&pg=PA250&lpg=PA250&dq=lacerda+de+gaulle+orly&source=bl&ots=Ia8NYWYmZJ&sig=GZXJ1zKB_jdDe0mwbInQsbYZbQ0&hl=en&sa=X&ei=sHLLUaeEE8PE0gGq-IGYDg&ved=0CD0Q6AEwAA#v=onepage&q=lacerda%20de%20gaulle%20orly&f=false
- Fondation Charles de Gaulle. *La Caravelle présidentielle*. Disponível: <http://www.charles-de-gaulle.org/pages/la-memoire/symboles/la-republique-gaullienne/la-caravelle-presidentielle.php>. Acessado em 13 de junho de 2013
- Fondation Charles de Gaulle. *Chronologie des relations entre la France et l'Amérique latine de 1940 a 1965 et du voyage du général de Gaulle en Amérique du Sud*. Disponível: <http://www.charles-de-gaulle.org/pages/l-homme/dossiers-thematiques/de-gaulle-et-le-monde/de-gaulle-et-l-amerique-latine/reperes/chronologie-des-relations-entre-la-france-et-l-amerique-latine.php>. Acessado em 27 de junho de 2013
- REYNAUD, P. *The Foreign Policy of Charles de Gaulle: A critical assessment by Paul Reynaud, former Premier of France* (trad.). New York: The Odissey Press Inc, 1964 (título original: *La Politique Etrangère du Gaullisme*, 1964.)
- SOUZA, C. *Um embaixador em tempos de crise*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.
- VIANA FILHO, L. *O Governo Castelo Branco*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora, 1975.